

Homossexualidade em perspectiva 5

Sérgio J. A. Almeida*

RESUMO

O presente trabalho foi apresentado durante o V FINGEMENTE, realizado pelo Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Sociedade de Medicina de S. J. Rio Preto.

Trata-se de discussão a respeito da homossexualidade, da maneira como a vemos inserida em nossa sociedade, dos acontecimentos de Stonewall à política do “out”.

HOMOSSEXUALISMO EM PERSPECTIVA

Gostaríamos de iniciar este trabalho lembrando que nem todo gay gostaria de andar vestido como Carmem Miranda nem gostaria de ser

* Faculdade de Medicina de S.J.R.P. - FAMERP; Mestre em Psicologia Social - PUC-SP;
Doutor em Medicina Biológica - FAMERP.

Recebido em 20.4.97

Aprovado em 6.5.97

Madonna, nem toda lésbica é masculinizada e tem como desejo oculto ser lutadora de boxe.

O antropólogo Peter Fry relata que sempre que se fala em homossexualismo surge uma questão: O que é homossexualidade? Como se fosse alguma coisa em realidade. Imaginemos então que estamos escrevendo para uma revista de turismo e observemos algumas cenas que ocorreriam dentro do Brasil:

1 - Belém do Pará - Um bancário de 32 anos, casado, mantém relações sexuais com outro colega de banco. Em todas as ocasiões mantém o “papel ativo”, enquanto o amigo exerce o “papel passivo”. Não se considera homossexual, mas sim um homem com grande charme, pois sempre exerce o “papel ativo”, que é o esperado socialmente.

2 - São Paulo - Jovem operário de 23 anos, físico definido, noivo, salário de 400 reais ao mês. Através de um primo descobre que pode sair com homens melhor situados socialmente e receber em média 50 reais por programa, o que aumentaria bem seu rendimento mensal, facilitando a compra do que necessita para casar-se.

3 - Salvador - Professor universitário, 35 anos, militante de ONG em defesa dos direitos civis dos homossexuais, faz preleções em rádio e em programas de TV.

4 - Terezina - Delegado de polícia resolve que travestis, michês e “desmunhecados” estão atrapalhando o turismo da cidade. Sendo assim, o melhor é mandar todos para a cadeia, por vadiagem.

5 - Recife - Advogado resolve interceder nos acontecimentos do Piauí, se propondo a defender gratuitamente os que dele necessitarem.

6 - Rio de Janeiro - Empresário, 29 anos, aparece nas festas “montado” e a drag *queen* Paloma dos Andes ferve na noite.

7 - Porto Alegre - Travesti, 19 anos, faz “ponto” na rua da praia das 21:00 hs às 5:00 hs da madrugada.

Aos menos avisados pode parecer que se tratam de 7 situações diferentes, porém em realidade são variações sobre o mesmo tema, ou seja, as várias faces que uma mesma figura pode representar. Da mesma maneira ninguém, em sã consciência, poderá dizer que o comportamento homossexual na era de ouro da Grécia, na Inglaterra da séc. XIX (vide Oscar Wilde) e no Brasil de 1996 são coisas idênticas. Em realidade estas variações acabam mostrando situações diversas em sociedades diversas.

A palavra homossexualismo foi inventada em 1869 pelo húngaro Karoly M. Benkert. No mesmo período surge a palavra uranismo (o nome provém da musa Urania citada por Platão), criada por Carl Heinrich

Urichs. A partir dessa data estudos sobre a homossexualidade colocando-a como patologia congênita, defeito, doença, naturalidade, etc..., passam a serem feitos por Krafft-Ebing, Havelock Ellis, Magnus Hirschfeld, Edward Carpenter, entre outros. Embora não fosse pesquisador, mas poeta, Walt Whitman também não pode ser esquecido.

No nosso ponto de vista o marco da história da homossexualidade acontece em 1969 na cidade de Nova York, em um bar chamado Stonewall Inn, freqüentado por travestis, *drags queens e fairies*. Apesar das variadas versões, ou talvez mesmo por causa dela, nunca se saberá exatamente o que aconteceu na noite de 28 de junho e nas duas noites que se seguiram. Eloy Martínéz em seu romance Santa Evita coloca que é impossível se reconstruir a realidade, pois ela só existe no momento em que o fato acontece, se é que existe mesmo neste instante. Seja como for a revolta na Christopher st. marca uma alteração total na mentalidade gay americana e consequentemente na mundial.

Os gays americanos tornam ciência de sua força e passam a se organizar em grupos e associações que irão lutar por direitos e reconhecimento. É o surgimento do gay power. A partir deste instante a pregação diz que o gay não deve mas ser feminino ou efeminado, “desmunhecar” ou “fechar por aí”, mas sim deve apresentar uma imagem a mais masculina possível. A banda Village People lança *Macho Men*, sucesso mundial que determina novas diretrizes. O gay agora deve ser forte, musculoso, ter corpo modelado em academias de musculação, praticar lutas marciais, usar cabelos curtos, jeans, botas militares, camisetas, etc...

Após intermináveis discussões, simpósios, reuniões, a idéia de integração com a sociedade heterossexual é quase totalmente abandonada e o gueto surge com toda a sua plenitude. Bares, danceterias, saunas, livrarias, vídeos, cinemas, prédios, bairros, inteiramente voltados para a cultura e o povo gay passam a proliferar em todos os lugares e San Francisco torna-se meca mundial.

A “nova sociedade” trás como alicerce nesta mudança de estrutura o machismo copiado e exacerbado da sociedade heterossexual.

Paglia (1996) relata que 1974 foi o ano em que os estabelecimentos gays masculinos fecharam as portas para ela, pois a “nova moral” totalmente sexualizada não permitia a entrada de mulheres nos locais de diversão.

Uma visão muito interessante deste período, mergulhando no mundo sadomasoquista, encontramos em Morriscoe (1996), quando analisa a agitada e controvertida vida de Mapplethorpe. A fama desta nova sociedade é tamanha, que personalidades como Foucault deixam a Europa para

conhecê-la, como relata Guibert em seu livro *Para o amigo que não me salvou a vida* (1995).

Neste período a política do *Coming out*, o sair do armário ou assumir-se, em português, começa a ficar cada vez mais forte. Muitos chegavam mesmo a defender uma política de delação em relação a aqueles que não se assumiam e publicamente ainda tentavam prejudicar o movimento homossexual. Um exemplo disto é visto no grande sucesso teatral *Angels in America*, quando enfocam a personagem de Ron Cohen.

A alegria, a festa, o sexo totalmente liberado vão durar até o início dos anos 80 quando, como tão bem coloca Sullivan (1996), a AIDS resolve estragar tudo isto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBUQUERQUE, F.; Janmelli, M. *A Princesa*. Nova Fronteira, RJ, 1985.
2. BROWN, P. *Pecados safados*, Rosa dos Ventos, RJ, 1995.
3. COLAR, C. *Noites Felinas*. Brasiliense, S. Paulo, 1994.
4. FAIRCHILD, B.; Hayward, M. *Agora que você já sabe*, Record, RJ, 1996.
5. FRY, P.; Macrae, E. *O que é Homossexualidade*. Brasiliense. S. Paulo, 1994.
6. KATZ, J. *A invenção da heterossexualidade*. Ed. Ouro. RJ. 1996.
7. MARTINEZ, T. *Santa Evita*, Companhia das Letras. S. Paulo, 1996.
8. MORRISCOE, P. *Mapplethorpe - Uma Biografia*, Record, RJ, 1996.
9. MOTT, L. *O lesbianismo no Brasil*. Mercado Aberto. S. Paulo, 1992.
10. PAMPLONA DA COSTA, R. *Os 11 sexos*, Gente. S. Paulo, 1994.
11. PAGLIA, C. *Vampes & Vadias*. Francisco Alves, RJ, 1996.
12. PARKER, R. *Corpos, prazeres e paixões*, Best Seller. S. Paulo, 1992.
13. RICHARDS, J. *Sexo, desvio e danação*. Zahar. RJ, 1992.
14. SULLIVAN, A. *Praticamente normal*, Companhia das Letras, S. Paulo, 1996.
15. VIDAL, G. *A cidade e o pilar*, Rocco, RJ. 1993.